



MATÉRIA E SUBSTÂNCIA EXTENSA EM DESCARTES

JÉSSICA KELLEN RODRIGUES¹

RESUMO: Um dos conceitos centrais para se pensar a filosofia da natureza é a noção de matéria e suas implicações para entender a natureza e os eventos físicos. Na filosofia da natureza de Descartes, a noção de matéria, inicialmente elaborada em uma de suas primeiras obras, *Le Monde*, sofre algumas modificações em obras posteriores, sobretudo em *Meditações Metafísicas*, *Respostas às objeções* e nos *Princípios da Filosofia*. Essas modificações estão relacionadas ao fato de que, nas obras posteriores, Descartes estabelece o conceito de substância, acrescentando características que não aparecem na primeira reflexão de *Le Monde*. Isto é, ao conceber a noção de substância extensa, Descartes propõe uma compreensão da matéria em termos que anteriormente não eram considerados, como a noção de "por si". Tendo isso em vista, pretendo analisar neste texto as modificações que o conceito de matéria sofreu com a concepção da noção de substância extensa.

PALAVRAS-CHAVE: Matéria; Substância Extensa; Movimento; Descartes; Criação.

ABSTRACT: One of the central concepts for thinking about the philosophy of nature is the notion of matter and its implications for understanding nature and physical events. In Descartes' philosophy of nature, the notion of matter, initially developed in one of his first works, *Le Monde*, undergoes some modifications in later works, especially in *Metaphysical Meditations*, *Replies to Objections* and in *Principles of Philosophy*. These modifications are related to the fact that, in later works, Descartes establishes the concept of substance, adding characteristics that do not appear in the first reflection of *Le Monde*. That is, by conceiving the notion of extended substance, Descartes proposes an understanding of matter in terms that were not previously considered, such as the notion of "per se". With this in mind, I intend to analyze in this text the modifications that the concept of matter underwent with the conception of the notion of extended substance.

KEYWORDS: Matter; Extended Substance; Movement; Descartes; Creation.

Noção de matéria no *Le Monde*

Descartes priorizou, em algumas investigações, *Le Monde* e os *Princípios da Filosofia*², a noção de matéria e o seu papel fundamental em uma investigação sobre a natureza. O conceito

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: jessicakellenrodrigues@gmail.com.

² As referências dos textos de Descartes serão citadas conforme a edição das obras completas de Adam e Tannery: AT se refere aos editores; os algarismos romanos, ao volume; e os algarismos arábicos, à página (as páginas indicadas são das traduções). As passagens do *Discurso do Método*, das *Meditações Metafísicas* e das *Objeções* serão citadas conforme a tradução em português do latim feita por Bento Prado Júnior e J. Guinsburg. As passagens de *O Mundo* serão citadas conforme a tradução em português do latim feita por César Augusto Battisti e Marisa

de matéria sofreu algumas modificações ao longo da trajetória intelectual de Descartes, encontrando, nas obras publicadas mais tardiamente do autor, uma concepção de substância extensa que assume posição primordial³ ao lado da sua concepção de substância pensante⁴. Isso posto, buscarei, com essa investigação, compreender o processo de construção do conceito de matéria e as transformações que o conceito sofre nas obras supracitadas. Nosso objetivo principal é compreender como a noção de matéria passa a se subordinar à noção de substância e quais as mudanças que essa subordinação traz.

A primeira obra em que é possível localizar uma noção de matéria ocupando uma parte central na investigação da filosofia da natureza em Descartes é *Le monde* (1629)⁵. Nesta obra o autor se dedicará à análise de componentes da natureza, tais como a luz, o fogo etc. O que nos interessa, contudo, é a noção de matéria que o autor constrói nessa obra, sobretudo por se tratar de uma concepção que ainda não possui uma implicação direta com a noção de substância. Isto porque não há nesta obra ainda uma noção de substância tal como nas obras tardias. A noção de substância, enquanto conceito central para compreensão do dualismo cartesiano⁶, só terá sua constituição e ganhará destaque nas obras cartesianas a partir de 1637, onde ela aparece pela primeira vez no *Discurso do método*⁷ e, desse momento em diante, se torna conceito chave para

Carneiro de Oliveira Franco Donatelli. As passagens dos *Princípios da Filosofia* serão citadas conforme a tradução em português feita por João Gama. É importante destacar que as traduções são cotejadas com a obra original e podem sofrer alterações caso se considere pertinente e, as alterações serão indicadas por [] nas citações e indicados nas notas de rodapés o original e a opção pela tradução.

³ Essas duas substâncias compõem o dualismo substancial de Descartes, contudo, o dualismo diz respeito às substâncias criadas, isto porque há uma terceira substância que é a substância divina.

⁴ A substância pensante em Descartes é a segunda substância que compõe o chamado dualismo substancial. O dualismo cartesiano é composto por duas substâncias heterogêneas, a substância extensa que é material e a substância pensante que é imaterial. A substância pensante é aquilo que Descartes afirma ser aquilo que ele é e, tal afirmação é encontrada em algumas passagens como nas *Meditações Metafísicas*, em que ele diz: “*Nada admito agora que não seja necessariamente verdadeiro: nada sou, pois, falando precisamente senão uma coisa que pensa.*” (DESCARTES, *Meditações Metafísicas*, 1973, p. 102) Além disso, no *Discurso do método* temos a caracterização do pensamento enquanto uma substância, a saber: “*(...) compreendi por aí que era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar*”. A substância pensante em Descartes é a segunda substância que compõe o chamado dualismo substancial.)

⁵ *Le monde* é uma obra que não foi publicada em vida, mas sabemos que ela foi escrita por volta de 1629. Isso porque, se nos atentamos em algumas de suas correspondências, mais precisamente às cartas a Mersenne, Descartes afirma em 13 de novembro de 1629 (DESCARTES, AT. I. p. 70) que está escrevendo um tratado que irá conter uma investigação sobre toda a natureza. Essa obra não chegou a ser publicada e, segundo Descartes, também em carta a Mersenne de novembro 1633 (DESCARTES, AT. I. p. 271), o motivo da não publicação seria a condenação de Galileu, pois seus escritos continham certa concordância com os argumentos de Galileu e ele temia se indispor com a Igreja. Portanto, o *Le monde* nunca chegou a ser publicado, mas, nem por isso, me parece que Descartes tenha abandonado suas razões ali descritas.

⁶ Dualismo cartesiano é o modo como diversos intérpretes da filosofia cartesiana denominam o par conceitual substância extensa e substância pensante na filosofia de Descartes.

⁷ Chappell em seu texto *Descartes on substance* diz que a palavra *substância* aparece nas *Regras para direção do Espírito* de 1628, no entanto, nessas aparições a palavra não guarda o peso teórico que o conceito ganhará a partir do dualismo substancial que surge nas *Meditações Metafísicas*. Mas, diferente do que afirma Chappell, e como acreditamos ficar claro na citação da nota 4 deste texto, a aparição da noção de substância relacionada ao dualismo se dá na 4ª parte do *Discurso do Método*. (conferir citação 4 deste texto).

compreensão das teorias cartesianas em diversas vertentes, inclusive servindo de recorte principal para alguns comentadores da sua filosofia⁸. Na tentativa de compreender o momento de transformação de uma noção de matéria independente para seu vínculo com a noção de substância extensa, começaremos compreendendo a noção de matéria no *Le monde* e as características que constituem essa noção.

Nesta obra pretendo destacar a ideia de uma única matéria extensa que resulta nos diferentes elementos e corpos que compõem o mundo. Descartes procura estabelecer que tudo que percebemos é composto de uma matéria e que a distinção desta em corpos é resultado da diversidade de movimento no mundo. Tomo como pressuposto de análise uma possível divisão do *Le monde* em duas fases, em que a separação é marcada pela noção de criação. Sumariamente, a primeira fase do texto tem como base da argumentação a postulação de uma noção de matéria em movimento que, no desenvolver da argumentação, não depende, segundo Descartes, de analisar a causa do movimento e, não há também uma preocupação do autor com a causa da existência dessa matéria. Neste sentido, Descartes diz: “Não me detenho a procurar causa dos seus movimentos, pois, me é suficiente pensar que estas partes começaram a se mover tão logo o mundo tenha começado existir” (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 31). O autor conclui afirmando que se é necessário para o leitor conceber uma causa, que esse possa se apoiar na ideia dos “doutores” que propõem uma noção de primeiro móvel, origem e condição para manutenção deste movimento (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 33). A segunda parte oferece um caminho investigativo distinto para a causa do movimento e que também engloba a concepção de matéria. Isto porque sugere uma noção de criação divina ausente na primeira fase. Na segunda fase, portanto, Descartes apresenta uma noção de Deus criador que toma o lugar desse primeiro móvel, não só como sendo a causa criadora do movimento, mas como o criador de uma matéria única em movimento. Fato é que a noção geral que se tem da matéria – que se reduz à característica de ocupar espaço – se mantém, a diferença é que ela tornou-se uma criatura com vínculo necessário com uma noção de Deus.

Temos, então, na primeira fase do texto, uma noção de matéria única que se move, e este movimento da matéria é o que transforma as suas partes nos diversos corpos. Deste modo, o autor afirma: “Desejo primeiramente que observeis que todos os corpos, tanto duros quanto

⁸ Sobre o tema, temos textos como: *A teoria cartesiana da substância. Equivocidade e analogia* de Beyssade; *Dualismo, Substância e atributo essencial no sistema cartesiano* de Ethel Menezes; *Descartes's concepts of substance* de Markie; *Descartes on Substance* de Chappell entre outros, com diversos tipos de abordagem.

líquidos, são feitos de uma mesma matéria” (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 43)⁹. Essa afirmação se sustenta ao longo do texto por meio de inúmeras análises sobre diversos corpos distintos, como o calor, a luz, o líquido, a dureza etc. Descartes percebe que a diferença entre eles acontece pelo fato de que são compostos por uma mesma matéria, mas com partes de tamanhos e formas distintas e que possuem uma quantidade de movimento diversa. Assim, todos esses fenômenos são analisados com o intuito de mostrar que esses corpos são compostos por uma única matéria e toda diversidade dos corpos é resultado da diversidade de movimentos em partes de tamanhos distintos dessa matéria única. Portanto, esses inúmeros fenômenos analisados permitem que Descartes conclua que toda diversidade de corpos tenha uma única fonte explicativa, a saber, a forma de suas partes, o tamanho e a quantidade de movimento, e que “[...] há um meio de explicar as causas de todas as mudanças que acontecem no mundo e de todas as variedades que aparecem sobre a Terra.” (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 33)

De maneira geral, é possível dizer que a diversidade dos corpos se resolve em termos de matéria e movimento em Descartes, e o que o autor busca com essa postulação mais simples é eliminar possíveis enganos na sua concepção de matéria, que, segundo Descartes, poderia trazer um excesso de informações. Para evitar estes possíveis enganos, Descartes afirma que compreende a matéria, simplesmente, como a capacidade de ocupar espaço. Importante ressaltar que o autor não discrimina quais seriam esses enganos¹⁰. Além disso, essa concepção de matéria como capacidade de ocupar espaço encontra-se somente no que estamos considerando como segunda fase do texto e diz respeito a uma matéria que foi criada em movimento.

Um aspecto importante a se destacar na análise dos fenômenos, ainda na primeira fase do texto, é que, apesar da compreensão dos corpos resultar de uma análise da matéria em movimento, Descartes diz que não é preciso procurar a causa do movimento, mas, para ele, basta compreender que a matéria tenha começado a se mover no momento em que começou a existir. “Não me detenho a procurar a causa de seus movimentos, pois me é suficiente pensar que essas pequenas partes começaram a se mover tão logo o mundo tenha começado a existir” (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 32). Não há, nesta primeira fase do texto, uma

⁹ As passagens d’*O Mundo* (AT,XI) serão citadas conforme a tradução do latim feita por César Augusto Battisti e Marisa Carneiro de Oliveira Franco Donatelli. (*O Mundo ou Tratado da Luz*. Trad. C.A.Battisti e M.C.O. Franco Donatelli. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009)

¹⁰ “Que alguém imagine, se o quiser, nessa madeira a forma do fogo, a qualidade do calor e a ação que a queima como as coisas todas elas diferentes; quanto a mim, que temo me enganar se supuser algo mais que a vejo aí dever existir necessariamente, como contento-me em conceber o movimento de suas partes.” (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 23)

investigação precisa sobre a causa do movimento e mesmo da matéria. Descartes postula que as partes da matéria começaram a se mover quando o mundo começou a existir. Descartes concede neste momento que é possível, se preferir o leitor, assumir uma noção de primeiro móvel como causa do movimento.¹¹

Na segunda fase do texto, Descartes recorre a uma investigação sobre a causa, ou ainda o que seria a causa do que ele chama de “novo mundo”. Nesta fase da investigação, Descartes apresenta a ideia de criação de uma matéria extensa que ocupa espaço e, diferente da primeira fase, apresenta a ideia de um Deus que cria, sendo Deus a causa primeira, ocupando um lugar que o autor não teria explorado até então. Temos agora uma noção de matéria criada, diz o autor:

Suponhamos que Deus crie novamente ao redor de nós tanta matéria que, de qualquer lado que nossa imaginação possa se estender, ela não perceba mais nenhum lugar que esteja vazio. (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 73)¹²

O que me interessa mais nesta segunda fase do texto é a mudança de perspectiva que marca, ao meu ver, um novo tom no texto que antes não era presente, qual seja, a ideia de uma causa para essa matéria e, mais ainda, uma causa divina. Vale a pena notar que essa causa aqui estabelecida pela ideia de criação irá se manter nos textos mais tardios. No entanto, esse aspecto se apresenta como sendo diferente da primeira fase do texto em que a causa da matéria e do movimento não parecia ser importante, e a criação não era ainda pauta do autor. Se antes era possível considerar uma natureza que não possuía uma causa externa a si como fonte explicativa, esse aspecto fica minimamente comprometido com uma noção de criação. A possibilidade de Deus como causa primeira acaba por implicar na análise da noção de matéria

¹¹ Descartes nos diz no *Le Monde*: “Minhas razões, confesso, me satisfazem suficientemente a respeito desse ponto, mas não é ainda a ocasião de vo-las comunicar. Enquanto isso, se vos parece bom, podeis imaginar, como faz a maior parte dos Doutores, que existe algum primeiro móvel que, girando ao redor do mundo com uma velocidade incompreensível, é a origem e a fonte de todos os outros movimentos que nele se encontram”. (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p.413) Podemos supor que a referência aqui seja a filosofia aristotélica e a concepção de um móvel primeiro estabelecido pelo autor, mesmo que não tenhamos na passagem uma referência direta a Aristóteles e, quando Descartes se refere aos “doutos”, não podemos confirmar que se trate de autores que endossam as teses aristotélicas. Contudo, se atentarmos para a argumentação sobre o que gera movimento nos corpos, ela parece poder se encaixar sem grandes dificuldades à ideia de primeiro imóvel de Aristóteles.

¹² Não vou me deter aqui no problema do vazio na natureza, basta saber que, para Descartes, não existe vazio na natureza, basta para este momento do texto a afirmação de Descartes de que não há vazio na natureza: “Suponhamos que Deus crie novamente ao redor de nós tanta matéria que, de qualquer lado que nossa imaginação possa se estender, ela não perceba mais nenhum lugar que esteja vazio. (...) por exemplo, que a distância que há desde a Terra até as principais estrelas do firmamento, e suponhamos que a matéria que Deus tenha criada se estenda bem mais além por todos os lados, até uma distância indefinida. Com efeito, há bem mais motivos e temos muito mais poder para prescrever limites à ação de nosso pensamento que às obras de Deus. (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 429)

uma causa que lhe é externa e, como veremos, essa dependência de Deus também será mantida ao longo das demais obras.

Entretanto, é importante notar que, apesar dessa nova posição poder trazer implicações à concepção de matéria de Descartes, fato é que, para o *Le monde*, essas implicações não interferem significativamente na investigação sobre a relação da matéria e do movimento como meio explicativo da natureza. Pois, postulada a ideia de criação, Descartes passa a descrever essa matéria criada e afirma que essa matéria não foi criada com os elementos que nela percebemos. Descartes sugere que trata-se de uma matéria extensa, mas sem nada que percebemos como corpos dessa matéria.

Suponhamos expressamente que ela [a matéria] não tenha a forma da terra, do fogo ou do ar, nem nenhuma outra mais particular, como a da madeira, a de uma pedra ou a de um metal, tão pouco as qualidades de ser quente ou fria, seca ou úmida, ou de possuir algum gosto, ou dor, som, cor, luz ou outra semelhante, em cuja natureza se possa dizer que haja algo que não seja evidentemente conhecido por todo mundo.(DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 75).

Neste sentido, é possível nos questionarmos sobre os limites da relação de Deus com essa matéria. Parece que a relação de criação não implica necessariamente a criação dos elementos que percebemos na matéria. A passagem nos permite começar a limitar aquilo que é resultado da ação divina e aquilo que, pelo menos no ato da criação, não é resultado da ação primeira de Deus. Nesta perspectiva, Descartes sugere que a matéria única não possui os elementos que poderiam descrever a natureza, tais como o ar, a terra etc. e, o que ele chama de mais particulares, como a madeira, o ferro e as qualidades que são singularidades que percebemos. O objetivo é garantir que a matéria possa ser explicada somente como a capacidade de ocupar espaço sem que nenhum outro elemento possa contaminar a sua noção de matéria pressupondo algo para além dessa capacidade. Dito de outro modo, esta matéria, como vimos, é resultado da criação divina nesta segunda fase do texto. Contudo, os elementos singulares, que podemos chamar de natureza, não estão, de acordo com Descartes, presentes nesta matéria no ato da criação. O que resulta nos singulares da matéria é a condição pela qual ela foi criada e, de acordo com Descartes, Deus cria uma matéria em movimento. Descartes afirma: “toda diferenciação que aí se coloca consiste na diversidade dos movimentos que ele lhes dá, fazendo que desde o primeiro instante em que foram criadas umas comecem a se mover para um lado, e as outras para outros...” (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI: p. 431). Neste sentido, o autor afirma que Deus, ao criar a matéria, a cria em movimento. Ao afirmar que o movimento é o que garante a diferenciação da matéria, ele diz que é resultado dos “movimentos que ele lhes dá”. Logo, o movimento na matéria é dado por Deus, além disso, ele é dado no ato da

criação, pois é dito que “desde o primeiro instante em que foram criadas umas comecem a se mover para um lado, e as outras para outros...”, (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI p. 431). Portanto, Descartes afirma que Deus cria uma matéria em movimento. Neste sentido, se por um lado, podemos afirmar que Descartes cede a Deus a causa primeira da origem do mundo, é o movimento que resulta nos corpos que percebemos na natureza.

se eu supuser que a quantidade da matéria que descrevi não difira de sua substância mais que o número faz em relação às coisas numeradas, e se eu conceber sua extensão, ou a propriedade que ela tem de ocupar espaço, não como um acidente mas como sua verdadeira forma e sua essência, pois não poderão negar que a conceber dessa maneira é muito fácil (DESCARTES, *Le monde*. AT. XI. p. 81)

Essa passagem nos fornece conteúdo para pensar os dois aspectos da matéria que estamos investigando: em primeiro lugar, é a primeira vez que a noção de substância aparece vinculada à noção de matéria. Trata-se de uma concepção embrionária e sem a maturidade que a noção de substância receberá ao longo da trajetória de escritos de Descartes. Todavia, seu aparecimento neste momento da argumentação é significativo, porque sinaliza para o fato de que a noção de substância já está no horizonte teórico de Descartes, ainda que o *Le monde* não ofereça muitos elementos para desenvolvê-la. Em segundo lugar, ao fim desta colocação, Descartes busca precaver a tentativa de colocar nesta matéria qualquer coisa que não seja a capacidade de ocupar espaço que movimenta. É importante destacar que a capacidade de ocupar espaço é a essência daquilo que ele entende por matéria, portanto não se trata de uma condição que esteja dissociada da matéria e acrescentada nela como um acidente, mas antes a matéria é, ela mesma, a capacidade de ocupar espaço. E, a afirmação de que essa definição é “muito fácil” evidencia que o autor busca uma definição que evite enganos¹³. A tentativa de simplificar o conceito de matéria resulta na caracterização desta como caótica, sem que possíveis caracterizações afetem a simplicidade da noção de matéria. Resta entender como esta matéria caótica resulta nos corpos perceptíveis e é neste momento que a noção de movimento toma papel central na argumentação. Descartes se propõe a explicar como a matéria se transforma nos singulares que nos são perceptíveis e a primeira coisa que ele afirma é que não é Deus a causa dessas transformações, pois esse a cria e a conserva, mas é a própria natureza, por meio da sua qualidade de se mover, qualidade essa garantida no momento da criação, em que Deus cria uma matéria em movimento. Em outras palavras, Deus criou uma matéria que desde o

¹³ Como já dito na nota 10, Descartes afirma a necessidade de uma definição simples que evite possíveis enganos. Esses enganos não são discriminados por Descartes, contudo é essa a justificativa que o autor usa para buscar uma definição simples para seu conceito de matéria.

momento que foi criada começou a se movimentar e é este movimento que resulta na diversidade de corpos.

Então, temos um Deus que cria a matéria em movimento, mas a cria como um caos disforme, desordenado e que por sua qualidade intrínseca de se movimentar é capaz de se modificar, se organizar e, como efeito, alcançar as figuras e as ordens que percebemos.

Com efeito, Deus estabeleceu tão maravilhosamente tais leis que, embora suponhamos que não tenha criado nada além do que afirmei e mesmo que não tenha posto nisso nenhuma ordem ou proporção, mas tenha composto o caos mais confuso e mais embaralhado que os poetas possam descrever, elas são suficientes para fazer que as partes desse caos se desembaracem por si mesmas e se disponham em tão boa ordem que terão a forma de um mundo muito perfeito. [...] pois, desse simples fato de que Ele continua a conservá-la assim, segue-se necessariamente que de haver inúmeras mudanças em suas partes, as quais, não podendo, parece-me, ser atribuídas propriamente a Deus, porque ele jamais se altera, eu as atribuo à natureza, e as regras, segundo as quais se fazem essas mudanças, eu as denomino leis da natureza (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. pg. 77 - 83).

As leis da natureza são as responsáveis pelas mudanças no mundo. Com esse postulado, Descartes mantém a noção de imutabilidade da ação divina e, ao mesmo tempo, elimina a possibilidade de que exista algo fora da natureza que condicione suas mudanças. Essa precaução evita a dificuldade de se fazer ciência sobre uma natureza que é regida por algo que foge ao conhecimento humano, como a vontade divina.

No que diz respeito às leis do movimento descritas no *Le monde*¹⁴, são três leis que descrevem o comportamento do movimento das partes da matéria e os efeitos que a matéria em movimento resulta. A primeira lei descreve a constância inerente às partes da matéria e afirma que uma matéria mantém-se na mesma figura e quantidade de movimento até que outra parte, externa a essa, se choque a ela e a modifique¹⁵. A segunda lei diz respeito ao fato de que, ao entrar em choque, as partes podem transferir quantidade de movimento, isto é, uma parte da matéria, ao movimentar outra, transfere para a parte que será movimentada quantidade de movimento, perdendo portanto, parte do seu movimento ao movimentar outra parte que não estava naquela condição anteriormente. Além de garantir a possibilidade de transferência de movimento, a segunda lei afirma ainda a resistência que as partes têm de se manter em seus estados até que isso seja alterado por uma parte com maior quantidade de movimento em

¹⁴ As leis do movimento descritas por Descartes possuem um papel importante para compreender a relação entre a matéria caótica e os corpos perceptíveis. Como não será esse o foco da nossa investigação, aqui apenas indicarei rapidamente quais são essas leis. O mesmo farei com as leis da natureza descritas nos *Princípios*, que investigaremos na terceira parte deste texto.

¹⁵ “A primeira é: que cada parte da matéria em particular permanece sempre no mesmo estado enquanto o encontro com outras não obrigue a alterá-lo. (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 85)

comparação com a capacidade de resistência da parte que sofrerá o impacto.¹⁶ A segunda lei reforça ainda, a imutabilidade da ação divina¹⁷ e a necessidade de leis da natureza que regem o movimento da matéria. A terceira lei diz respeito à direção que a parte da matéria pode tomar¹⁸.

Contudo, como já dito, é preciso considerar que as leis da natureza são leis que descrevem o comportamento de uma matéria em movimento. Então, ainda que Descartes apresente as leis da natureza como causa das mudanças, somente aquilo que elas descrevem é que possui poder causal sobre essa matéria. E essas leis descrevem o comportamento do movimento das partes, pois, de acordo com o autor, a lógica de transformação dos corpos se dá do seguinte modo: Deus cria uma matéria única sem que haja vazio algum e em movimento. Esse movimento próprio da matéria começa a transformar as partes dessa matéria em corpos distintos garantindo a diversidade de coisas que encontramos na natureza. Esse movimento, contudo, não é desordenado. Ele possui diretrizes para suas ações e consequências que são as leis da natureza.

Não é que ele [Deus] a separa uma das outras de modo que haja algum vazio entre elas; antes, pensamos que toda diferenciação que aí se coloca consiste na diversidade dos movimentos que ele lhes dá, fazendo que desde o primeiro instante em que foram criadas umas comecem a se mover para um lado, e as outras para outros, umas mais depressa e as outras mais lentamente (ou, mesmo, se assim desejardes, sem movimento algum), e que depois disso, elas continuem seu movimento conforme as leis ordinárias da natureza. (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 77).

Na citação, Descartes insiste que a transformação dos corpos e sua diversidade é resultado da diversidade do movimento. As leis da natureza cumprem um papel importante para a argumentação acerca da transformação da matéria em corpos; no entanto, elas não conseguem camuflar o lugar do movimento enquanto elemento central dessa transformação.

¹⁶ “*Suponhamos como segunda regra: que, quando um corpo impele outro, não lhe poderá dar nenhum movimento, se não perder ao mesmo tempo o mesmo tanto do seu, nem lhe poderá tirar, se o seu não aumentar em igual quantidade.(...) Porém, se nos recusarmos a explicar o efeito de sua resistência de acordo com a nossa segunda regra e pensarmos que, quanto mais um corpo puder resistir, mais será capaz de deter o movimento dos outros - como talvez pudesse alguém se persuadir de início -, teremos, uma vez mais, muita dificuldade para fornecer a razão pela qual o movimento dessa pedra amortece mais ao encontrar um corpo mole e cuja resistência é medida do que quando ela encontra um outro mais duro e que lhe resiste mais, bem como para fornecer a razão pela qual, tão logo tenha feito um pouco de esforço contra este último, ela retorna imediatamente como que sobre seus passos em lugar de parar ou de interromper seu movimento por esse motivo.* (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 95)

¹⁷ “*Ora, ocorre que essas duas regras resultam manifestamente apenas deste fato, de que Deus é imutável e de que, por agir sempre da mesma maneira, produz sempre o mesmo efeito.*” (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 95).

¹⁸ “*Acrescentarei como terceira: que, quando um corpo se move, embora seu movimento se faça na maioria das vezes em linha curva e não possa jamais se fazer algum que não seja de forma circular, como já foi dito mais em cima, mesmo assim cada uma de suas partes em particular tende sempre a continuar o seu em linha reta.* (DESCARTES, *Le monde*, 2009, AT. XI. p. 97).

Portanto, tanto na primeira fase quanto na segunda fase da obra, temos uma matéria que se movimenta e que, ao se movimentar segundo leis da natureza, resulta em transformações nesta matéria. A diferença é que na primeira fase não temos a dependência de um Deus que cria e mantém esta matéria, e não temos também as leis do movimento, inclusive concebendo a possibilidade do leitor de considerar um motor primeiro¹⁹ como causa. Na segunda fase do texto, contudo, a matéria passa a ser criação de um Deus criador e o movimento passa a ser regido por leis da natureza. A noção de matéria passa a ser submetida a algo que lhe antecede e do qual mantém uma dependência na medida em que é Deus que conserva esta matéria.

Definição de Substância nas obras tardias de Descartes

Nas obras posteriores ao *Le monde*, Descartes mantém as análises sobre a matéria, mas agora acompanhadas de outros aspectos que precisam ser considerados. Estes aspectos se destacam com a construção do conceito de substância. Em algumas obras, como o *Discurso do Método* (1637), as *Meditações Metafísicas* (1641), as *Respostas às Objeções* (1641) e os *Princípios da Filosofia* (1644), temos a noção de substância extensa como o conceito usado para destacar aquelas características antes ditas simplesmente sobre o conceito de matéria, como a capacidade de ocupar espaço e movimentar-se. Além disso, mantém-se a característica de que a matéria, agora lida como substância extensa, é por si, não dependendo de mais nada além de Deus para ser. E, como veremos, diferente do *Le monde*, nas obras supracitadas a noção de acidentes e atributos passa a ser importante para se compreender a argumentação sobre a substância.

Mas, antes dessa análise, é preciso considerar uma questão significativa sobre o conceito de substância. No texto “*Teoria cartesiana da substância'. Equivocidade ou analogia?*”, Beyssade argumenta que o próprio conceito de substância parece se apresentar como um problema a ser debatido. Beyssade apresenta então a possibilidade de divergência das definições de substância em Descartes, levando em consideração as possibilidades de, ou se tratar de uma equivocidade de fato, ou de uma analogia. Seu texto é atravessado pelas questões acerca da noção de substância e do problema apresentado pelos intérpretes sobre esse aspecto da filosofia de Descartes. O que nos interessa, no entanto, é que em ambas as definições, ainda que elas funcionem de forma análoga, como quer Beyssade, a noção de extensão passa a ocupar o lugar de atributo e a noção mesma de substância passa a pressupor necessidades antes não previstas pela noção de matéria usada nos primeiros debates de Descartes sobre o tema.

¹⁹ Conferir nota 11.

Sumariamente, podemos apresentar esses pressupostos da seguinte forma: A) Considerando a definição de substância apresentada na Definição V da exposição geométrica nas *Respostas às objeções* (1641). Nela, a substância é um sujeito de atributos e só é possível de ser conhecida pelos seus atributos; B) Ainda considerando a Definição V, se pensarmos que ela, a definição de substância, é unívoca para as três substâncias descritas pelo autor, a substância extensa é “*por si*” e é independente das demais substâncias. Esse aspecto gera um conflito na construção da argumentação nas obras de Descartes, pois duas dessas substâncias são criaturas, uma criadora, e não se considera que as substâncias criadas diferem da divina na medida em que essa última é a única que é estritamente “*por si*”, pois as substâncias criadas dependem da substância divina para ser. C) Nos *Princípios da Filosofia*, Descartes parece sugerir uma distinção entre aquilo que ele entende por substância a depender do que ela designa. E é a partir dessas definições que Beyssade propõe a sua investigação na tentativa de responder se há uma analogia ou não entre as definições. D) Por fim, ainda de acordo com Beyssade, se há uma analogia entre a noção de substância divina e a noção de substância enquanto criatura, é necessário um aspecto comum entre as noções. Diz Beyssade:

Se deve haver analogia entre as substâncias criadas e a substância divina que serve de unidade de referência, é preciso encontrar mesmo nas substâncias criadas um análogo da auto-suficiência e um análogo da infinitude, que definem a substancialidade em Deus (BEYSSADE, J-M, 1997. p. 12).

De todos os aspectos presentes nesses pressupostos, talvez o que mais diga respeito à noção de matéria primeira descrita por Descartes é a condição de “*por si*”, que afeta a noção de criação sugerida no *Le monde*, mas não somente. Ela se tornaria um problema para a teoria da substância de Descartes, a despeito de uma solução para esse problema que Beyssade sugere, a saber, a busca por uma auto-suficiência análoga, mas, não idêntica, à da substância divina. Diferentemente de Beyssade, nossa entrada na noção de substância nas investigações de Descartes se dá pelas *Meditações Metafísicas* (1641). E, para Beyssade, a escolha por começar a investigação via o *Discurso do Método* (1637) se justifica na medida em que ele busca estabelecer a trajetória e possíveis contradições que podem haver na argumentação acerca da noção de substância. É fato que, como bem mostra Beyssade, o recorte inicial via o *Discurso do Método* ajuda a compreender a oscilação do conceito de substância em Descartes. Entretanto, as *Meditações Metafísicas* e as *Respostas às Objeções* parecem propiciar um recorte mais preciso para compreender as possíveis mudanças que a noção de matéria sofre ao longo das investigações de Descartes, o que difere da investigação de Beyssade, na medida que nosso propósito é mais pensar o modo como o conceito de substância subsume a noção de matéria.

Contudo, a proposta de Beyssade nos ajuda a compreender a postulação de um debate acerca da noção de substância que dialoga com a noção de extensão nas obras de Descartes.

Na obra *Discurso do Método*, é importante destacar como Descartes garante que a conservação da matéria condicionada a Deus se manterá. Nesta obra, a argumentação é bastante próxima àquela disposta no *Le monde*, assim como a relação de conservação entre matéria e Deus. A noção de substância, nesta obra, não é muito diferente da presente na obra anterior e aparece de forma rápida²⁰. No entanto, uma obra importante em que a noção de substância aparece é nas *Meditações Metafísicas*. Nesta obra, a argumentação sobre a noção de substância ganha maior destaque, porque é nas *Meditações Metafísicas* que Descartes consolida a separação entre a extensão e o pensamento, e portanto, é no decorrer deste texto que ele fundamenta uma diferença entre essas substâncias, sendo uma imaterial (o pensamento) e a outra, material (a extensão). A caracterização de ambas as substâncias é descrita na terceira meditação:

Pois, quando penso que a pedra é uma substância, ou uma coisa que é por si capaz de existir, e em seguida que sou uma substância, embora eu conceba de fato que sou uma coisa pensante e não extensa, e que a pedra, ao contrário, é uma coisa extensa e não pensante, e que, assim, entre essas duas concepções há uma notável diferença, elas parecem, todavia, concordar na medida em que representam substâncias. (DESCARTES, *Meditações Metafísicas*, 1973, AT. VII. p. 77).

Na citação, Descartes apresenta uma oposição entre aquilo que é extenso, a pedra, e aquilo que não é extenso, o pensamento, para marcar que, apesar de se tratarem de coisas de naturezas distintas, elas podem ser designadas pelo mesmo conceito de substância. Descartes,

²⁰ Na quinta parte do *Discurso do Método*, Descartes apresenta características comuns ao *Le monde*, tais como: a necessidade de leis da natureza e que essas leis sejam as que conduzem as transformações dos corpos na natureza, inclusive a ideia da criação da matéria de forma caótica e desorganizada que em seu curso se organiza e ordena-se por essas leis e pelo movimento. Assim como no *Le monde*, no *Discurso do Método* a noção de substância aparece muito superficialmente quando o autor pretende explicar sobre o Sol e as estrelas, indicando as diversas qualidades dos céus e dos astros, assim como o movimento e a situação que são próprias da matéria. Diz Descartes: “E se Deus criasse agora em qualquer parte, nos espaços imaginários, bastante matéria para compô-lo e, se agitasse diversamente, e sem ordem, às diversas partes dessa matéria, de modo que compusesse com ela um caos tão confuso quanto os poetas possam fazer crer e que, em seguida, não fizesse outra coisa senão prestar o seu concurso comum à natureza, e deixá-la agir segundo as leis por ele estabelecidas. (...) não existia nela [na matéria] nenhuma dessas formas ou qualidades acerca das quais se disputa nas escolas, nem de modo geral, qualquer coisa cujo conhecimento não fosse tão natural às nossas almas (...) E neste ponto, estendendo-me sobre o tema da luz, expliquei bem longamente qual era a que se devia encontrar no sol e nas estrelas, e como, a partir daí, atravessava num instante os imensos espaços dos céus, e como se refletia dos planetas e dos cometas para a terra. Juntei a isso também várias coisas atinentes à substância, situação, movimentos e todas as diversas qualidades desses céus e desses astros (...) A ação pela qual ele agora o conserva é exatamente igual àquela pela qual o criou; de modo que, embora não lhe houvesse dado no começo outra forma senão a do caos, desde que, tendo estabelecido as leis da natureza, lhe tenha prestado seu concurso para ela agir assim como costuma, pode-se crer, sem prejudicar o milagre da criação, que só por isso todas as coisas materiais poderiam, com o tempo, tornar-se tais como vemos no presente”. (DESCARTES, *Discurso do Método*, 1973, AT. VI. p. 60, 61 e 62)

ao dizer sobre a substância, afirma que se trata de uma coisa que “é por si capaz de existir” e ainda associa essa condição às duas substâncias já estabelecidas na primeira e na segunda Meditação, isto é, aquilo que é extenso e aquilo que é o pensamento. O autor garante ainda que, essas substâncias que são distintas²¹ concordam em algo que permite que ambas possam se identificar com a noção de substância. Como veremos nas *Respostas às Objeções* (1641), a condição de ser “por si” – que corresponde à coisa extensa e à pensante – é uma das condições que permite definir o que é substância. Dito de outro modo, o que garante que coisas heterogêneas – extensão enquanto material e pensamento enquanto imaterial – possam ser compreendidas sobre um mesmo conceito de substância, é o fato de que esse conceito marca a condição de ser “por si” de ambas. Essa característica se destaca, na medida em que são coisas que têm em comum o fato de que não dependem de nada além de si mesmas para ser, isto é, elas não dependem de nenhuma outra criatura para existir. Assim, elas não dependem nem mesmo uma da outra para existir, apesar de interagirem entre si.²² Contudo, essa definição de ser “por si” que essas substâncias possuem não anula o fato de que, por serem criaturas, dependem da substância divina que as criou e de mais nada além de si mesmas. É importante ressaltar que, no que diz respeito à substância extensa, se considerarmos que se trata de uma forma de designar a matéria em relação ao modo como ela era tratada no *Le monde*, a dependência de Deus se mantém na medida em que a substância extensa é uma criatura e, portanto, conservada por Deus.²³ É preciso destacar ainda que o conceito de substância extensa, nesta obra, passa a designar aquilo que antes era lido como matéria.

Além disso, alguns outros aspectos são extremamente importantes para pensar a noção de matéria e como ela aos poucos vai se aglutinando com a noção de substância extensa. O primeiro diz respeito à separação daquilo que é pensamento com aquilo que é corpo, pois, nesta fase do argumento, entendemos a separação corpo e alma proposta por Descartes e as possibilidades de modificação desse corpo que é puramente material e que sofre diversas modificações. No que diz respeito ao corpo, na segunda Meditação, Descartes sugere o caso da

²¹ No resumo da segunda meditação, Descartes afirma que a meditação em questão terá como objetivo principal estabelecer com clareza o que é a alma e como ela é distinta do corpo. “*Ora, a primeira e principal coisa requerida, antes de conhecer a imortalidade da alma, é fornecer dela uma concepção clara e nítida, é inteiramente distinta de todas as concepções que se possam ter do corpo.*” (DESCARTES, *Meditações Metafísicas*, 1973, AT. VII. p. 77).

²² No artigo 30 do texto *As paixões da Alma* (1649) Descartes afirma que a alma está unida ao corpo ao dizer que “*é necessário saber que a alma está verdadeiramente unida ao corpo todo, e que não se pode propriamente dizer que ela esteja em qualquer de suas partes com exclusão de outras.*” (DESCARTES, *Paixões da alma* AT. XI. p. 238) E, a partir do artigo 34 desta mesma obra, Descartes, passa a apresentar as formas de interação das substâncias sob o título “*como agem a alma e o corpo um contra o outro*”. (DESCARTES, *Paixões da alma*, AT. XI. p. 240)

²³ A reflexão sobre a relação entre Deus e a matéria criada já aparece na primeira parte deste texto na análise sobre o “*Le Monde*”.

cera que, de partida, possui uma textura, uma cor, um cheiro etc., mas que ao ser afetada por um calor, perde as propriedades descritas, restando somente a propriedade de ser extensa, flexível e mutável.

O que é, pois, que se conhecia desse pedaço de cera com tanta distinção? Certamente não pode ser nada de tudo o que notei nela por intermédio dos sentidos, posto que todas as coisas que se apresentavam ao paladar, ao olfato, à visão ou à audição encontram-se mudadas e, no entanto, a mesma cera permanece. (...) Mas o que será, falando precisamente, que eu imagino quando a concebo dessa maneira? Consideremo-lo atentamente e, afastando todas as coisas que não pertencem à cera, vejamos o que resta. Certamente nada permanece senão algo de extenso, flexível e mutável. (DESCARTES, *Meditações Metafísicas*, 1973, AT. VII. p. 77).

De fato, é preciso lembrar que essa argumentação faz parte de uma reflexão sobre a capacidade de conhecer, e diz respeito àquilo que conhecemos indubitavelmente da cera e os motivos pelos quais aquilo que os sentidos nos oferece da cera não é o que ela é em sua natureza, mas o que a diferencia de outros corpos, que no limite são em sua natureza extensão. Entretanto, esse é um aspecto importante para nossa investigação, na medida em que retoma aquilo que já foi analisado no *Le monde*, a saber, que o mundo é uma única matéria extensa em movimento e em constante transformação e a diversidade dos corpos se dá pelas diferentes quantidades de matéria e movimento. Isto é, no limite tudo é matéria extensa em movimento.

Outro aspecto importante desta obra em questão, novamente de acordo com Beyssade (BEYSSADE, J-M, 1997. p. 20), é que Descartes parece sugerir uma noção de substância que atenda o “eu que pensa” em uma posição mediana, isto é, a substância não atenderia a perfeição divina e não seria também inferior ao ponto de se enquadrar como um modo.

Pois, com efeito, aquelas que me representam substâncias são, sem dúvida, algo mais e contêm em si (por assim falar) mais realidade objetiva, isto é, participam, por representação, num maior número de graus de ser ou de perfeição do que aqueles que representam apenas modos ou acidentes. Além do mais, aquela pela qual concebo Deus soberano, eterno, infinito, imutável, onisciente, onipotente e criador universal de todas as coisas que estão fora dele; aquela, digo, tem certamente em si mais realidade objetiva do que aquelas pelas quais as substâncias finitas me são representadas. (DESCARTES, *Meditações Metafísicas*, 1973, AT. VII. p. 111)

A substância é o que baliza o grau de ser da coisa. Neste sentido, aquilo que é substância possui maior realidade que aquilo que é só um modo ou acidente em uma substância e, dentre as substâncias que são concebidas, Deus é a substância com maior grau de realidade objetiva. Outra característica que vincula a noção de substância e que diferencia a substância divina da substância criada é a finitude. Logo, temos um marcador comum entre as substâncias criadas, mas a associação da noção de substância a coisa pensante e coisa extensa acontece linhas depois, quando se apresenta uma concordância entre as ideias que se tem do pensamento e das

coisas extensas. Esse elemento é lido por Beyssade como o ponto unívoco entre a coisa pensante e a coisa extensa.

A Terceira Meditação prolonga explicitamente o que foi iniciado com a análise do pedaço de cera, o exame detalhado de “nossas idéias das coisas corporais”, e ela identifica um elemento que pode ser transferido do ego à coisa extensa, pedra ou pedaço de cera, o primeiro elemento no inventário de nossas idéias claras e distintas: a idéia de substância. Munida, a partir de então, de seu nome técnico (que substitui as palavras mais ordinárias como “algo”, “coisa”, “ser” ou “natureza”), a idéia de substância é unívoca em relação à alma, coisa pensante, e ao corpo, coisa extensa: “Pois, quando penso que a pedra é uma substância, ou uma coisa que é por si apta a existir, substantiam sive rem quae per se apta est existere, e em seguida que sou uma substância, embora eu conceba de fato que sou uma coisa pensante e não extensa, e que a pedra, ao contrário, é uma coisa extensa e não pensante, e que assim entre essas duas concepções, conceptum, há uma notável diferença, elas parecem, todavia, concordar na medida em que representam substâncias, in ratione substantiae videntur convenire. (BEYSSADE, J-M, 1997. p. 20)

Temos, portanto, a associação da noção de substância como termo comum entre a coisa extensa e a coisa pensante. Algumas questões básicas se mantêm com essa vinculação, a saber, a matéria continua sendo uma criação divina, a questão da infinitude - antes não muito debatida - se torna fator essencial para distinção entre as substâncias criadas e a divina, e a extensão passa a ser um atributo, ainda que essencial, de uma substância que é lida como sujeito de predicados. Existe neste último aspecto uma formulação que integra a definição de substância e que se apresenta como uma novidade a ser questionada. Para compreender essa característica é preciso considerar aquilo que Descartes oferece como definição do que é substância nas *Respostas às Objeções*, e nesta obra a noção de substância é descrita como sujeito de acidentes, e a conhecemos por meio de seus atributos. Além disso, como já dito, na obra em questão Descartes associa a noção de substância aos seus atributos principais, a substância imaterial ao pensamento e a substância material à extensão. Outros aspectos que precisam ser considerados sobre a noção de substância são os atributos que descrevem cada substância e esses atributos são, de alguma forma, aquilo que representa a natureza de cada substância. Os atributos das substâncias aparecem relacionados com as substâncias nas *Resposta às Objeções* e a forma como elas são descritas apresentam alguns questionamentos sobre a noção de substância e, mais especificamente para nosso propósito, de como a noção de matéria pode ser compreendida com a inserção da noção de substância. Diz Descartes:

Toda coisa em que se reside imediatamente como em seu sujeito, ou pela qual existe, algo que conhecemos, isto é, qualquer propriedade, qualidade, ou atributo de que temos em nós real ideia, chama-se *substância*. (...) A substância em que reside imediatamente o pensamento é aqui chamada *espírito*. (...) A substância que é o sujeito imediato da extensão e dos acidentes que pressupõe a extensão, assim como da figura, da situação, do movimento

local, etc., chama-se *corpo*. (DESCARTES, *Respostas às Objeções*, 1973, AT. VII.p. 180)

Os atributos possuem uma característica fundamental para o processo de conhecimento da substância, isso porque é somente pelos atributos que conhecemos as substâncias. Em outras palavras, é por meio dos atributos que acessamos a substância e podemos conhecê-las. Neste sentido, ainda é preciso destacar que os modos ou atributos indicam que há algo que se constitui subsídio para que estes existam (DESCARTES, *Princípios*, 1904, AT. IX. Parte I. art. 52.). A importância dos atributos também se dá pelo fato de que cada substância possui um único atributo que lhe é essencial. As demais coisas que percebemos, tanto no que se refere ao corpo, quanto no que se refere ao que é imaterial, dizem respeito, em última instância, à extensão e ao pensamento respectivamente. Além disso, é preciso considerar que Descartes estabelece que as substâncias possuem mais realidade que seus acidentes. O autor diz:

VI. Há diversos graus de realidade ou de entidade: pois a substância tem mais realidade do que o acidente ou o modo, e a substância infinita mais do que a finita. Eis por que também há mais realidade objetiva na idéia de substância do que na de acidente, e mais na idéia de substância infinita do que na de substância finita. (DESCARTES, *Respostas às Objeções*, 1973, AT. VII. p. 182)

Na passagem, Descartes afirma que há uma diferença de grau entre as substâncias finitas e os acidentes, sendo que as substâncias finitas possuem mais realidade do que seus acidentes e o mesmo vale quando comparado o grau de realidade das substâncias finitas e a substância infinita, sendo que, no caso, a substância infinita possui mais realidade do que a substância finita. Dito de outro modo, há uma diferença de grau entre as substâncias criadas, pensamento e extensão, e os acidentes, assim como também há uma diferença entre o grau de realidade das substâncias criadas, os acidentes e Deus. Os diferentes graus de realidade ajudam a compor a argumentação acerca da dependência entre as substâncias criadas e divinas e as substâncias criadas e seus acidentes. Isso porque a razão causal que se expressa na relação de dependência é sustentada pela máxima que afirma que a causa deve possuir mais realidade que o seu efeito, para doar e sustentar a realidade do efeito. Deste modo, o acidente tem menos realidade que as substâncias criadas e as substâncias criadas, menos realidade que a substância divina. Os graus de realidade objetiva, além de estabelecerem uma hierarquia entre as substâncias e os acidentes, garantem o estatuto de perfeição²⁴ à substância divina. Sendo assim: a substância divina possui

²⁴ “VIII. A substância que entendemos ser soberanamente perfeita, e na qual não concebemos nada que encerre qualquer falha ou limitação da perfeição, chama-se Deus. IX. Quando dizemos que algum atributo está contido na natureza ou no conceito de uma coisa, é o mesmo que se disséssemos que tal atributo é verdadeiramente dessa coisa e que se pode assegurar que se encontra nela.” (DESCARTES, *Respostas às Objeções*, 1973, AT. VII.p. 180)

o maior grau de realidade objetiva, as substâncias criadas possuem um grau de realidade objetiva menor que a divina, mas possuem maior grau de realidade objetiva que os seus acidentes.²⁵

Acerca da relação entre atributos e a matéria nas *Respostas às Objeções* é preciso destacar que a matéria extensa passa para o estatuto de atributo e que, segundo a definição IX, o atributo é dito como estando contido na substância, mas não sendo a própria coisa, nem se identificando com ela. Deste modo, parece que há um deslocamento da noção de extensão que passa a ser atributo de uma substância. Ainda que efetivamente se trate unicamente de uma mobilização teórica,²⁶ não deixa de marcar uma modificação significativa nas sequências investigativas de Descartes. Além disso, é preciso ser considerada a persistência do “*por si*” que retorna nas definições propostas por Descartes, como na definição X, em que o autor diz que “Duas Substâncias são realmente distintas quando cada uma pode existir sem a outra” (DESCARTES, *Respostas às Objeções*, 1973, AT VII. p. 180), isto é, que existe uma independência entre a substância extensa e a substância pensante.

No artigo *Descartes on Substances*, Chappell chama atenção em seu artigo para o uso de alguns termos por Descartes, tais como “‘modo’, ‘atributo’, ‘qualidade’, ‘propriedade’, ‘afeição’ e ‘acidente’ de forma mais ou menos intercambiável e, portanto, bastante vaga” (CHAPPEL, 2011, p. 253). E, de fato, as informações que Descartes nos oferece nas *Meditações Metafísicas* não apresentam dados mais elaborados sobre a questão que envolve esses conceitos. Contudo, nos *Princípios*, esses termos recebem uma atenção maior do autor, como também nota Chappell. O que nos interessa é que esses conceitos, nos *Princípios*, servem para distinguir aquilo que é na substância e depende dela para ser daquilo que é a substância que existe “*por si*” mesmo e não depende de outra substância finita para ser. Neste sentido, a substância não dependeria de modos e atributos para existir, mas os modos e atributos dependem da substância para serem, ainda que a substância possua um atributo essencial.

Nos *Princípios* encontramos um vínculo mais direto da noção de matéria descrita literalmente como uma substância extensa. É notável que a extensão sempre foi uma característica marcada pelo autor para especificar o que ele compreende como matéria, mas é significativo que na obra em questão a noção de extensão esteja vinculada à noção de substância

²⁵ A obra em que primeiro aparece essa reflexão é as *Meditações Metafísicas* e nela temos: “Pois, com efeito, aquelas que me representam substâncias são, sem dúvida, algo mais e contêm em si (por assim falar) mais realidade objetiva, isto é, participam, por representação, num maior número de graus de ser ou de perfeição do que aquelas que representam apenas modos ou acidentes” (DESCARTES, *Respostas às Objeções*. AT. VII.p.11)

²⁶ “Quando dizemos que algum atributo está contido na natureza ou no conceito de uma coisa, é o mesmo que se disséssemos que tal atributo é verdadeiramente dessa coisa e que se pode assegurar que se encontra nela” (DESCARTES, *Respostas às Objeções*, 1973, AT.pg. 180)

para dizer da matéria. Sobretudo porque a noção de substância passa a se identificar mais explicitamente com a noção de matéria. Deste modo, a forma mais direta pelo qual Descartes apresenta a descrição da noção de matéria nesta obra começa com uma indicação do que ela não é, para no final relacioná-la com a noção de substância extensa, e assim temos que:

A natureza da matéria ou do corpo em geral não consiste em ser uma coisa rígida, pesada ou colorida, ou que afeta os sentidos de qualquer maneira, mas que é apenas uma substância extensa em comprimento, largura e altura (DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II, art. 4).

Na passagem acima, Descartes mantém sua posição sobre a ausência de características singularizantes na matéria, reduzindo-a à pura extensão e aquilo que comporta a ideia de extensão, a saber, comprimento, largura e altura. Mas o que interessa mais nessa passagem, como já dito, é a identificação entre substância extensa e matéria que aparece pela primeira vez extremamente marcada. É possível dizer que esse vínculo mais preciso acontece depois que Descartes estabelece em sua *Meditação Metafísica* as duas substâncias - pensante e extensa - em oposição em termos daquilo que é imaterial e material, respectivamente. Isto é, a noção de substância extensa dessa obra é herdeira de uma oposição desenhada nas *Meditações Metafísicas* entre a noção de substância pensante e imaterial e a substância extensa e material. A substância extensa surge como contraponto da caracterização da noção de pensamento imaterial em oposição ao corpo. Mas, no que diz respeito a uma descrição mais profunda da noção de substância extensa, é nos *Princípios* que ela ganha destaque, associada às demais caracterizações que acompanham a definição de matéria – comprimento, largura e altura. Elas não são, senão, modos da extensão, que é o único atributo possível da substância extensa²⁷.

Outra característica importante da matéria, definida pelo autor, é a divisibilidade da extensão em partes. Para ele, não existe a possibilidade da existência de uma parte que seja impossível de se dividir e, com isso, o autor veta a possibilidade de uma parte indivisível da matéria²⁸. do mesmo modo, não há um limite que possa ser imposto a essa extensão, isto é, não é possível definir o alcance extensivo da matéria, pois todo o entendimento que temos do alcance da extensão passa pelo quanto somos capazes de imaginar e, para Descartes, tudo aquilo que podemos conceber ou imaginar é coberto pela extensão.²⁹ Ademais, a matéria é única, todo e qualquer corpo existente é composto por matéria³⁰ e o que sustenta a singularidade dos corpos

²⁷ As análises sobre a matéria neste primeiro momento levam Descartes a uma primeira defesa, nesta obra, sobre a ausência de vazio na natureza, que o acompanha desde os primeiros trabalhos sobre a filosofia da natureza, como foi possível notar nas primeiras partes do texto.

²⁸ DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II, art. 20.

²⁹ DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II, art. 21.

³⁰ DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II, art. 22.

é o movimento. Isto é, o que diferencia os corpos existentes são a diversidade de movimento e o tamanho de suas partes.

Essa análise acerca da diferenciação dos corpos, resultante do movimento da matéria, leva o autor a retomar a definição da natureza como “*o princípio do movimento e de repouso*”.³¹ Nessa parte do argumento, Descartes parece conceber uma relação causal entre o movimento e os corpos tal como percebemos. A diversidade de formas que vemos na matéria é efeito do movimento das partes dessa matéria e, disso resulta que essa natureza que é diversificada em figuras é porque ela está em uma dinâmica de movimento e repouso.

Para melhor compreender como acontece essa relação é preciso compreender como Descartes define o movimento e, para tanto, o autor atravessa um caminho argumentativo que o leva de uma definição de movimento do senso comum até o estabelecimento das três leis da natureza, que são as leis do movimento, levando em conta que, como estabelecido no artigo 23, a natureza é, ela mesma, movimento e repouso.

Feitas essas considerações, a primeira definição de movimento investigada por Descartes é a estabelecida no senso comum em que o movimento está vinculado ao deslocamento de lugar de um corpo. Essa primeira definição apresenta a percepção do movimento relacionada a uma ação sobre o corpo e, neste sentido, um corpo estaria em movimento quando sofre uma ação, e o repouso seria a ausência dessa ação.³² A próxima definição de movimento diz respeito ao que de fato o autor compreende como movimento e sobre isso ele diz:

O movimento é a translação de uma parte da matéria ou de um corpo da vizinhança daqueles que lhe são imediatamente contíguos - e que consideramos em repouso - para a proximidade de outros. Por corpo ou parte da matéria entendo tudo aquilo que é transportado conjuntamente, ainda que seja composto de várias partes que [com a sua ação] desencadeiam outros movimentos. Digo que é a translação e não a força ou a ação que transporta, pois o movimento está sempre no móvel e não naquele que se move, e habitualmente ninguém emprega o cuidado necessário ao distinguir estas duas coisas. Além disso, entendo que é uma propriedade do móvel e não uma substância, assim como a figura é uma propriedade da coisa que está figurada, e o repouso, da coisa que está em repouso. (DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II. art. 25)

O que Descartes parece estabelecer na passagem acima é que o movimento é ele mesmo a translação de um corpo da vizinhança. E, com isso, ele distingue a força ou ação do

³¹ DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II, art. 23.

³² DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II, art. 24.

movimento, pois esse último é parte constituinte do móvel, e não como se esse o adquirisse no momento em que está se deslocando³³.

O movimento pode ser compreendido como tanto fazendo parte daquele que se afasta de um corpo em direção a outro, como também fazendo parte daquele do qual se afasta, assim, tanto o corpo móvel como aquele lido como estando em repouso possuem movimento. Nesse ponto, Descartes parece estabelecer uma distinção entre aquele movimento que constitui a natureza das coisas e aquele movimento que implica a percepção do deslocar dos corpos. Outro aspecto importante a se notar é que a força não é dita causa do movimento, apesar de ser considerada como que relacionada à resistência que um corpo tem de alterar seu estado atual e ser o componente significativo para a modificação desse estado quando afetado por outro corpo³⁴.

No que diz respeito à causa deste movimento, Descartes destaca dois aspectos para investigação, considerando o que ele chama de causa primeira e universal, e a essa ele diz ser evidente que é Deus, sendo que a segunda causa que é dita particular refere-se às Leis da natureza, que, no seu curso, modifica-se modificando a natureza. Assim nos diz Descartes:

Depois de ter examinado a natureza do movimento, é necessário considerar a sua causa. E porque pode ser dupla, começaremos pela primeira e mais universal, a que produz geralmente todos os movimentos do mundo; a seguir consideremos a outra, a particular, que faz com que cada parte da matéria adquira o que antes não tinha. Quanto à primeira, parece-me evidente que só pode ser Deus, em que onipotência deu origem à matéria com o movimento e o repouso das suas partes, conservando agora no universo, pelo seu concurso ordinário, tanto movimento e repouso como quando o criou. (DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II. art. 36)

A imutabilidade e constância da ação divina impõe à primeira causa – Deus – a condição da criação e da manutenção da quantidade de movimento criado. No entanto, as diferenças e diversidade dos corpos são causadas pela causa particular, que é descrita nas três leis da natureza, leis que regem o movimento dos corpos e que são necessárias na medida em que “Deus não está sujeito a mudanças, agindo sempre da mesma maneira.”³⁵ Os singulares, portanto, são efeitos da causa particular, leis que regulam o movimento.

As três leis da natureza são assim distribuídas: a primeira, que os corpos permanecem em seus estados atuais até que algo o altere; a segunda garante a continuidade de um movimento até que algo altere seu percurso, deste modo, algo que se movimenta em linha reta só alterará o

³³ Cf. CUSTÓDIO, M. “Nota sobre o vocabulário do movimento nas Leis da Natureza dos Princípios de Descartes” (CUSTÓDIO, M. 2017, pp. 61-76) em que Custódio faz uma reflexão sobre o tema da translação de movimento nos *Princípios* e a reflexão sobre a noção de vizinhança.

³⁴ DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II. art. 25.

³⁵ DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II. art. 37

percurso se um outro móvel afetar sua trajetória; e, por fim, a terceira descreve o resultado de um corpo em movimento quando colide com outro corpo de maior ou menor quantidade de matéria. E, de acordo com tal lei, se um corpo rígido atingir um outro duro e fixo, o móvel não perderá movimento, ao passo que se este mesmo corpo se chocar com outro corpo mole, perderá quantidade de movimento transmitindo seu movimento ao outro corpo.

Ao longo do restante da segunda parte, Descartes nos apresenta como cada lei implica nos fenômenos físicos e de que maneira essas leis somadas às regras da colisão fundamentam as relações dos corpos. No entanto, o que nos interessa é compreender como Descartes relaciona essas duas causas do movimento com as leis da natureza que parecem ser, elas mesmas, leis do movimento, dada a consideração de que a natureza é movimento e repouso.

O que nos resta, portanto, é considerar o motivo pelo qual a noção de matéria deixa de ser o conceito central nos textos de Descartes e passa a ser uma caracterização (ainda que essencial) da substância extensa. Diferente do *Le monde* e do *Discurso do Método*, que são obras anteriores às *Meditações Metafísicas*, nos *Princípios*, que é posterior, a noção de substância já faz parte da compreensão do que é o corpo, e essa mudança, apesar de modificar pouco os debates nas obras tardias de Descartes, traz algumas novidades que antes não eram consideradas. A primeira delas é a ideia de que a substância é o que permite a existência de um atributo. Assim, enquanto nas primeiras obras a noção de matéria era suficiente para compreender a composição do mundo proposta por Descartes, nos *Princípios*, quando a filosofia de Descartes passa pela distinção real entre alma e corpo, a noção de substância desloca a noção de matéria, e esta última passa a ocupar o lugar de atributo da substância.

Se pensamos na relação entre a substância extensa e a divina, parece que temos uma questão, isto porque, como argumentamos no início deste texto, existe uma dependência da matéria com relação a Deus, na medida em que Deus conserva a matéria extensa com a mesma quantidade de movimento colocada nela no ato da criação. Portanto, de acordo com o que podemos ler nos textos anteriores às *Meditações Metafísicas*, e mesmo nos *Princípios*, existe uma relação de dependência entre Deus e a matéria, sendo que a matéria não pode ser sem a sua causa primeira, que é Deus.

Quando concebemos a substância, concebemos uma coisa que existe de tal maneira que só tem necessidade de si própria para existir. (...) Falando com propriedade, só Deus é assim e não há nenhuma coisa criada que por um só momento possa existir sem ser apoiada e conservada pelo seu poder. (...) [Mas porque entre as coisas criadas algumas são de tal natureza que não podem existir sem outras, distinguimo-las daquelas que só têm necessidade do concurso ordinário de Deus, chamando então substâncias a estas, e qualidades ou atributos da substâncias áquelas. (DESCARTES, *Princípios*, 1903, AT. IX. Parte II. art. 51).

Nos *Princípios*, Descartes já mobiliza pressupostos metafísicos para considerar os aspectos da física para além da noção de criação - essa estando presente desde o *Le monde*, mas sem inserir na filosofia da natureza os pressupostos que a noção de substância impõe - que promove um deslocamento na noção de matéria. Isso porque se nos atentarmos para o artigo 51 da primeira parte, em que Descartes afirma que a substância existe por si sem depender de outras substâncias para ser, veremos que o mesmo diz que, de fato, somente a substância divina comporta essa definição. Contudo, as demais substâncias criadas são assim ditas por dependerem somente de Deus e nada mais. Por fim, nos artigos 52 e 53 da primeira parte, Descartes cristaliza neste texto a necessidade do atributo para percebermos as substâncias e o pensamento como atributo principal da substância pensante e a extensão como atributo principal da substância extensa.³⁶

Acreditamos poder afirmar que a teoria da substância de Descartes possui diversos fatores, que permitem interpretações diversas. Contudo, no que diz respeito à filosofia da natureza e sua relação com a metafísica, parece que essa vinculação se constrói ao longo das investigações de Descartes, sofrendo alterações significativas nessa trajetória, o que implica uma ampliação do seu aparato conceitual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Descartes:

- DESCARTES, R. *Principia Philosophiae*. Ed. de Ch. Adam et P. Tannery. Paris, J. Vrin, 1905. (Oeuvres de Descartes, VIII).
- _____. *Principes*. Ed. de Ch. Adam et P. Tannery. Paris, J. Vrin, 1904. (Oeuvres de Descartes, IX)
- _____. *Discours de la méthode*. Ed. de Ch. Adam et P. Tannery. Paris, J. Vrin, 1902. (Oeuvres de Descartes, VI)
- _____. *Correspondance*. Ed. de Ch. Adam et P. Tannery. Paris, J. Vrin, 1897. (Oeuvres de Descartes, I).
- _____. *Le Monde ou Traité de La Lumière*. Ed. de Ch. Adam et P. Tannery. Paris, J. Vrin, 1909. (Oeuvres de Descartes, XI).
- _____. *O Mundo ou Tratado da Luz*. Trad. C.A. Battisti e M.C.O. Franco Donatelli. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- _____. *Princípios da Filosofia*. Trad. GAMA, J. Lisboa: Edições 70 LDA.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Coleção Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 33-80.

³⁶ “Mas quando se trata de saber se algumas dessas substâncias existe verdadeiramente, isto é, se está presente no mundo, digo que não é suficiente dessa maneira para apercebermos, pois por si só não nos faz descobrir nada que desperte algum conhecimento particular no nosso pensamento. É necessário, portanto, que possua alguns atributos que possamos notar (...) Por essa razão, logo que encontramos algum atributo, podemos concluir que é o atributo de alguma substância, e que tal substância existe. Assim, a extensão em comprimento, largura e altura constitui a natureza da substância corpórea, e o pensamento constitui a natureza da substância que pensa.” (Descartes. *Princípios*. AT. IX. Parte II. art. 52 e 53).

_____. *Meditações Metafísicas*. Coleção Os pensadores, vol. XV. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Jr. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 81-152.

Demais obras:

BEYSSADE, J-M. *A teoria cartesiana da substância. Equivocidade e analogia*. Trad. Lia Levy. Revisão. Simone Brantes. *Analytica*. vol. 2. n.2. p. 11-36. 1997.

CHAPPELL, V. *Descartes on Substances*. In: ZALTA, E. N. (Ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Winter 2011 Edition. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/win2011/entries/descartes-substance/>. Acesso em: 7 de outubro de 2024.

CUSTÓDIO, M. A. D. *Causa e transferência de movimento nas interações do sistema cartesiano*. *Ideação*, n. 28, v. 1, p. 13-45, 2013.

_____. *Nota sobre o vocabulário do movimento nas Leis da Natureza dos Princípios de Descartes*. *Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas*. v. 16, n. 28, p.61-76.7, jan./jun. 2016.

Markie, P. *Descartes's concepts of substance*. In J. Cottingham, ed., *Reason, Will and Sensation*, Oxford: Clarendon Press. pp. 63–87. 1994

Stuart, M. *Descartes's extended substances*. In R. J. Gennaro and C. Huenemann, eds., *New Essays on the Rationalists*, New York: Oxford University Press pp. 82–104, 1999.